

LAÇO DE AMOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL: FAMÍLIA E ESCOLA

Jekcilhane Rigo¹

Riteli Anese²

RESUMO

O presente trabalho relata a experiência vivenciada no projeto de estágio que teve como foco a sensibilização das relações familiares com o entorno escolar, abordando sobre o conceito de afetividade diante do convívio familiar em relação ao entorno escolar. O projeto foi realizado com processos articulados e em etapas. Primeiramente realizou-se o período de observação e de diagnóstico com uma turma do pré, nível dois, da Educação Infantil, na sequência promoveu-se o período de prática acadêmica com os estudantes e a realização dos conceitos acerca da família e escola, possibilitando uma aproximação familiar com o desenvolvimento infantil e o protagonismo, obtendo resultados positivos. Repensar, ressignificar e reconciliar constituíram-se princípios básicos do meio ativo, base de todas as etapas. A prática voltada ao sentimentalismo e o afeto, a formação do pensamento familiar acerca do educando, a compreensão e o papel ativo da família, possibilitando uma aproximação dos entornos família e escola.

Palavras-chave: Família. Escola. Sensibilização. Afetividade.

1 INTRODUÇÃO

A pedagogia estuda e investiga as finalidades da educação como um processo social, no seio de uma determinada sociedade, bem como as metodologias apropriadas para a formação dos indivíduos, tendo em vista seu desenvolvimento humano para a vida em sociedade. Em sentido geral, a aprendizagem humana consiste em todos os processos praticados no ambiente no qual o indivíduo convive.

Desde o seu nascimento, o ser humano está em constante aprendizado e aquisição de processos cognitivos e racionais. O trabalho docente somente é frutífero quando o processo de ensino e aquisição de conhecimentos e métodos de aprendizagem é nutrido pelo aluno e aplicado. O objetivo escolar e do docente é formar indivíduos aptos a desenvolver suas capacidades mentais, cognitivas e psicológicas no seu contexto.

Nesse sentido, o processo de períodos evolutivos da criança é estudado pelo

¹ Estudante do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI. E-mail: Jekcilhanerigo111@gmail.com

² Professora do curso de Pedagogia do Centro Universitário FAI. E-mail: Riteli.anese@uceff.edu.br

biólogo, psicólogo e epistemólogo suíço, considerado um dos mais importantes pensadores do século XX, Jean William Fritz Piaget. Ao estudar o desenvolvimento da criança, Piaget demonstra como o indivíduo é agente de sua construção e de seu desenvolvimento ao longo de seus estágios. Esse processo surge a partir de concepções determinantes básicas: o processo de maturação do sistema nervoso central, o estímulo do ambiente físico, a aquisição da aprendizagem e o seu equilíbrio. Contudo, a metodologia de desenvolvimento cognitivo começa desde o nascimento da criança e avança conforme o seu crescimento, maturidade e intervenções.

Segundo Piaget (1973, p.76) “o desenvolvimento da criança implica numa série de estruturas construídas progressivamente através de contínua”. O indivíduo é um ser racional e participante ativo no seu processo de aquisição de conhecimentos. Visto que a sociedade favorece as relações e vivências significativas. Nessa perspectiva a escola deve ser um ambiente que proporcione a “interação” do sujeito com o meio, fundamentando uma mediação com processos dinâmicos para a construção cognitiva.

Em relação ao processo de formação da mente humana, Vygotsky (1991 p.64) evidencia o processo de internalização, que consiste em várias transformações:

- a) Uma operação que inicialmente representa uma atividade externa é reconstruída e começa a ocorrer internamente. (...)
- b) Um processo interpessoal é transformado num processo intrapessoal. Todas as funções no desenvolvimento da criança aparecem duas vezes: primeiro, no nível social, e, depois, no nível individual; primeiro, entre pessoas (interpsicológica), e, depois, no interior da criança (intrapicológica). (...)
- c) A transformação de um processo interpessoal num processo intrapessoal é o resultado de uma longa série de eventos ocorridos ao longo do desenvolvimento

Assim, a partir do processo de mediação com os outros passa a desenvolver os níveis superiores da mente, por intermédio dessa mediação proposta, que a criança se apropria dos modos de comportamento e da sociedade em que está inserido.

Vygotsky (1991) enfatizou a origem social da consciência, destacando a importância da linguagem em seu processo de constituição. A consciência seria, portanto, dialeticamente formada na relação do sujeito com o outro e com o mundo, ela é construída no contato social e historicamente originada.

Diante dos pressupostos, Piaget afirma que a aprendizagem de um sujeito só ocorre com interação entre ele e o objeto de conhecimento a ser nutrido e apreendido. O autor defende que a concepção de aprendizagem só será efetiva se

houver o desenvolvimento de concepções psicológicas.

Em suma, Jean Piaget (1997, p.15) concebe quatro períodos no processo evolutivo do indivíduo, por meio destes estágios estabelecidos pelo autor, para que haja uma aprendizagem concreta da criança no decorrer do seu desenvolvimento da inteligência, dos fatores psicológicos, cognitivos e a correlação entre os estágios de desenvolvimento. Piaget cita que os quatro estágios de desenvolvimento são “aquilo que o indivíduo consegue fazer de melhor, no decorrer das faixas etárias, ao longo do processo de desenvolvimento.”

Piaget (1997) estabelece quatro períodos de desenvolvimento, são eles: sensório – motor (zero a dois anos), pré-operacional (dois a sete anos), operatório – concreto (sete a onze anos) e operatório – formal (oito a quatorze anos). Cada fase representada é caracterizada em esquemas contínuos por diferentes formas de organização mental.

O desenvolvimento da criança na visão de Piaget reflete nas mudanças dos esquemas de interpretação da realidade conhecida. Essas mudanças não são resultado de uma simples leitura da realidade nem sequer uma cópia da experiência. À medida que os seres humanos estabelecem intercâmbio com o meio no qual vive estimula uma propensão ao equilíbrio.

De acordo com Piaget (1973) a escola desempenha um importante papel no desenvolvimento da criança, pois, proporciona trocas significativas de processos cognitivos no ambiente escolar. A escola deve proporcionar um ambiente que permita a criança interagir e trocar conhecimentos a partir de sua realidade, pois, o ambiente pode proporcionar o aprendizado além dos conteúdos, formando um sujeito criativo de sua construção de saberes (sujeito intelectual ativo). A finalidade da escola segundo as contribuições de Piaget está na importância de conceber as características do indivíduo no processo de aprendizagem como elemento digno de consideração.

Em suma, é notório o papel do docente escolar neste processo, os professores devem criar didáticas baseadas no desenvolvimento do sujeito, proporcionando atividades compatíveis com o seu grau de desenvolvimento infantil, estimulando o educando para o seu progresso na evolução cognitiva e conseqüentemente a sua introdução no estágio seguinte. Também, cabe ao docente

pedagógico, estimular adequadamente para o desenvolvimento das potencialidades individuais, considerando sua inserção social, e fatores culturais de cada indivíduo.

O docente deve proporcionar um ambiente de protagonismo do educando no seu processo ativo de ensino-aprendizagem, além de favorecer processos significativos para a construção de um sujeito ativo, o professor deve processar e atribuir o uso da ludicidade nas aulas. Pois, de acordo com a BNCC - Base Nacional Comum Curricular (2019, p.14) a fundamentação do brincar na educação infantil abrange:

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças, jovens e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionadas. (Bncc, 2019, p. 14).

Isso reflete na educação infantil e no ensino fundamental, apresentando a necessidade da ludicidade e seu favorecimento aos processos de formação cognitiva, socioemocional, criativo, e a construção de um sujeito atento e ativo no seu contexto e na sociedade em que está inserido.

A rede de ensino como mediadora e produtora do saber, possui um papel primordial na construção de um sujeito participativo e receptor de conhecimento, em consonância com os processos familiares e sua afetividade para a aquisição de reflexão e harmonia entre a família e a escola.

Dessa forma, a família é a primeira mediadora entre o indivíduo, sua cultura e seu processo nas relações cognitivas, afetivas e que são históricas e sociais de determinados grupos da sociedade. A família é a matriz da aprendizagem humana, com significados e diversas práticas culturais singulares que geram o desenvolvimento de um indivíduo com suas relações de construção individual e coletiva.

No seu contexto familiar, a criança aprende a administrar seus desejos, sentimentos e atribui um controle próprio e formal de suas emoções, a partir de suas vivências, pois a conduta sentimental da criança no seu desenvolvimento do entorno escolar, por exemplo, é consequência de um processo afetivo familiar.

Como em todo processo de humanização, o que é estabelecido entre o

educador e o aluno, precisa estar fundamentado na afetividade, bem como há de se desejar a possibilidade de vivenciar toda realidade inerente ao cotidiano escolar. Portanto, deve o educandário:

Propiciar um ambiente favorável à aprendizagem em que sejam trabalhados a autoestima, a confiança, o respeito mútuo, a valorização do aluno sem contudo esquecermos da importância de um ambiente desafiador [...] mas que mantenha um nível aceitável de tensões e cobranças, são algumas das situações que devem ser pensadas e avaliadas pelos educadores na condução do seu trabalho. (Martinelli, 2005, p. 116)

Com semblantes baseados no sentimentalismo, prática e reflexão, o presente projeto visou, através de estratégias pedagógicas, a aproximação da família e escola, com base no desenvolvimento infantil, as vantagens, promoção de autonomia e protagonismo diante de conceitos afetivos e motivadores, tornando o educando um ser autônomo. O projeto consiste em analisar as questões afetivas e intervir de maneira positiva com as crianças, baseada na reflexão dos pais, para haver harmonia em questões familiares e contexto escolar, visto que a afetividade é responsável pelo desenvolvimento e progresso da aprendizagem.

É necessário ter sensibilidade e empatia para analisar os sentimentos que mais afetam o desenvolvimento cognitivo do aluno, ao observar se a criança chega triste na escola, se apresenta sinais de traumas e medo etc. A partir dessa identificação, é necessário intervir em modos de contribuir na estruturação das relações pessoais dessa criança e auxiliar na sua construção ou reconstrução sócio emocional, fazendo com que se torne um indivíduo dotado de conhecimento e participante ativo da vida social.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 AFETIVIDADE ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA

O processo de afetividade é um elemento essencial para o indivíduo, e assim ocorre com o vínculo familiar, onde ali acontece todo o processo de humanização do indivíduo e a potencialização do mesmo no contexto escolar. E a unidade escolar realiza o aperfeiçoamento desses suportes nutridos pelos alunos.

Piaget (1996) enaltece a importância do processo interativo e colaborativo entre

os dois âmbitos, família e escola. Pois, é a partir dessa fomentação entre essas duas esferas que se constrói um indivíduo participativo de uma sociedade, visando em práticas humanizadoras e aprendizagens para a vida.

Em suma, um ambiente familiar que favorece a afetividade, carinho, estabilidade e diálogos contribui de forma notória para o desempenho no processo escolar da criança, sendo que é na família o primeiro contato que a criança possui com relações afetivas, desempenhando um papel social importante no desenvolvimento. Um lar sem estruturas sólidas, desamparado socialmente, economicamente e sentimentalmente tende a favorecer o mau desempenho escolar, afetando diretamente o desenvolvimento psicológico da criança. O processo afetivo é o primeiro contato interacional entre o meio ambiente, a sociedade e a escola, e essa desestabilidade emocional interfere diretamente em seu processo de aprendizagem.

Assim, compreende-se que a afetividade é o elemento mediador das relações sociais primordiais, portanto, dado que separa a criança do ambiente. As emoções são, também, a base de desenvolvimento do terceiro campo funcional da inteligência infantil.

É necessário atribuir a formação docente, um olhar atento ao desenvolvimento reflexivo e sensível para a análise dos sentimentos que mais afetam o desenvolvimento cognitivo e afetivo do aluno, ao observar se a criança chega triste na escola, ou se comenta sobre uma conduta familiar que deve ser analisada, se apresenta sinais de traumas e medos, etc.

A partir desta sondagem o pedagogo, como agente humanizador e mediador desconhecimento deve intervir, quando necessário a intervenção ocorre com outros órgãos competentes, além da Gestão Escolar, o CRAS - Centro de Referência de Assistência Social e o Conselho Tutelar. O docente deve atribuir modos de favorecer a contribuição das relações pessoais dessa criança e auxiliar na sua construção ou reconstrução sócio emocional, tornando-o um indivíduo dotado de conhecimento e participante ativo da vida social. Nesse sentido, Almeida e Mahoney (2007, p. 65) ressalta que:

A formação integral do indivíduo é a meta a ser alcançada. Cabe ao professor conhecer o processo de desenvolvimento e aprendizagem para ser capaz de reconhecer e atender a essas necessidades dos alunos. Ao canalizar a afetividade para produzir

conhecimento, ele desempenha o papel de mediador entre o aluno e esse conhecimento, ampliando suas possibilidades de obter sucesso em suas ações.

Nesse sentido, é importante que o professor atente e detenha conhecimentos específicos para que haja um processo de desenvolvimento e de aprendizagem significativo e com o reconhecimento das necessidades e possibilidades de cada criança. A priorização da afetividade no processo de ensino-aprendizagem, o professor torna-se um mediador entre o conhecimento nutrido, fator que contribui para aplicação de saberes do docente e o sucesso de suas ações, e a ampliação de possibilidades de o aluno obter suprimentos necessários para o seu processo de aquisição de conhecimento por meio de afetividade e cognição.

De um modo geral, se a relação entre aluno e professor for mais próxima e estreita será muito mais fácil descobrir estratégias e alternativas que favoreçam e facilitem o processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos (Almeida; Mahoney, 2007). Vesentini (2004, p. 23) afirma que:

É necessário questionar que tipo de professor deseja-se formar, e para qual escola e sociedade deseja formá-lo. Compreende-se, neste sentido, a necessidade de uma formação mais abrangente, crítica, científica e humanística, voltada não para as necessidades de mercado (professor, planejador, pesquisador, etc.), mas para as necessidades da sociedade, no sentido de pensar e agir sobre elas.

Assim, como ressalta Vesentini (2004), a busca constante pela formação é necessária para descobrirmos qual o tipo de profissional deseja-se formar, e qual o seu público, deve-se levar em consideração também, as necessidades e refletirmos sobre a mesma no cotidiano social.

Dessa forma, falar de afetividade no ambiente educacional e familiar é imprescindível, no intuito de estabelecermos uma busca por soluções que visem à superação do problema detectado.

Diante do exposto, verifica-se que refletir a formação docente do profissional da educação é necessário, no sentido de buscar estratégias e soluções ora encontradas em salas de aulas, acerca da afetividade envolvendo a família e a escola, visto que, o professor deve e tem a obrigação de dialogar com seus alunos, problematizando diversos temas geradores em sala de aula e fora dela.

Elucidando os desejos, as vontades e procurando ajudar da melhor forma

possível na busca de informações pertinentes e assim, construir juntos, professor e aluno, o conhecimento para a vida humana.

Com isso, considera-se a necessidade e a relevante importância ao ser trabalhado na escola, as questões familiares e afetivas. A medida em que as instituições de ensino possam desenvolver um ensino pautado na humanização, na sensibilidade, respeitando as particularidades dos alunos, pois, na escola acontece a amenização dos impactos gerados pelo entorno familiar, a construção de um indivíduo com potencialidades e a condução do controle de seus sentimentos e emoções.

Faz-se necessário também um contato mais eficiente entre família e escola, com a participação ativa entre essas duas, baseada no diálogo e na interação para que haja uma aprendizagem significativa do educando e sua concepção sócio emocional dotada de afetividade e interesse. Desenvolver relações familiares mais empoderadas e respeitadas, bem como o sucesso de aprendizagem e autonomia da criança com o entorno escolar.

2.2 APLICAÇÃO DO TEMA

A semana de estágio foi marcada pela consciência afetiva do indivíduo e o seu lugar emocional e simbólico no contexto familiar e a relação estreita com o vínculo escolar. Por meio da literatura, contação de história acerca do tema e do diálogo diante de uma roda de conversa foi possível entender as posturas e manifestações das emoções da turma, a importância da diversidade, e o impacto do convívio familiar na escola, pois as crianças refletiam a realidade dos membros de sua família, como espelhos. Cada criança comentava sobre seu contexto familiar, quais eram os membros que residiam em seus lares, compreendendo a diversidade existente entre eles. Conforme Rodrigues (2005):

A contação de histórias é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções transcendem a ficção e se materializam na vida real. (Rodrigues, 2005, p. 4).

A partir disso foi perceptível sondar a representação da consciência familiar no desenvolvimento socioemocional da criança e o reflexo disso na sua aprendizagem. A demonstração de empatia e sensibilidade representada pela turma e a socialização entre os alunos fez com que a atividade tomasse o rumo desejado.

Após o episódio da contação de história e do diálogo, houve o desenvolvimento de uma atividade artística da composição familiar, a confecção de uma casa de papel, com recorte, dobraduras, desenho e pintura da atividade. As expressões artísticas refletiram na emotividade e na capacidade de cada criança de retratar a sua vida, seu lar e suas emoções com a sua família. Diante dessas premissas foi possível entender na prática a importância da harmonia e o reconhecimento das crianças com suas singularidades familiares. Segundo Sousa (2008, p. 2):

A família funciona como o primeiro e mais importante agente socializador, sendo assim, é o primeiro contexto no qual se desenvolvem padrões de socialização em que a criança constrói o seu modelo de aprendiz e se relaciona com todo o conhecimento adquirido durante sua experiência de vida primária e que vai se refletir na sua vida escolar.

Por isso, torna-se de suma importância a rede escolar evidenciar sua contribuição e de que seu papel é complementar a função familiar na vida dos indivíduos. Assim, esse elo entre essas duas esferas deve ocupar o seu devido lugar significativo na vida de cada criança para que possa obter o desenvolvimento de um indivíduo reflexivo em sociedade. Segundo Parolim (2003):

Tanto a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola, e suas necessidades que a aproximam dessa instituição. A escola tem sua metodologia filosófica, no entanto ela necessita da família para concretizar seu projeto educativo. (Parolim, 2003, p. 99)

Diante desse fato, entende-se que este processo deve ser mútuo e significativo. Visto que, cada entorno da sociedade molda o indivíduo, e a corrente entre família e escola deve se tornar cada vez mais forte, para que haja um desenvolvimento integral da criança e que a escola não seja a única responsável pela formação de um indivíduo reflexivo e participativo social, um indivíduo que saiba conduzir seus sentimentos e nutrir suas aquisições do conhecimento ao longo de sua jornada.

Para Bassedas, Huguet e Sole (1999, p. 63), “A base que sustenta as

aprendizagens feitas pelas crianças dessa idade na escola é a relação afetiva que se cria entre elas e a professora”. Assim, é preciso oportunizar contextos ricos que permitam à criança defrontar-se com novas experiências nas quais possam manipular, experimentar, observar etc. Os momentos de aprendizagem nesse nível de ensino são construídos pela relação do professor com a criança. Não se trata de prescrever um só método, mas de utilizar estratégias que sejam adequadas para dar o tratamento educativo que cada menino ou menina necessita.

Nesse processo de socialização foi notório a construção de conhecimento e aproximação das famílias com as crianças e com o entorno escolar, recebendo muitos feedbacks positivos, mensagens com muito carinho, flores, cartinhas e muitos abraços com as crianças.

Foi possível visualizar o carinho e a afetividade cultivada no decorrer da semana, fato que incentivou a formação de uma profissional sensível e reflexiva da realidade de cada criança, entregando-lhes uma rede de apoio e carinho. Com a finalização dessa prática, os futuros profissionais da área da educação compreendem que cada criança possui seu tempo de aprendizado, suas especificidades e criatividade. Entender o mundo singular de cada criança torna o ambiente escolar resiliente, com profissionais mais empáticos com a sabedoria que cada criança cultiva.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da prática educativa trouxe a concepção da identidade individual, da singularidade infantil e das diferentes demandas psicológicas que as escolas contemporâneas passaram a trabalhar. Entender a consciência infantil e o seu sentimento reflete na capacidade de compreensão da vida, na produção de conhecimento, e em um indivíduo sociável.

Em suma, com essa experiência acadêmica atribuída pela execução do estágio na Educação Infantil, ampliou-se as concepções teóricas e uma prática acadêmica humanizadora e pautada na construção de sentido e significados essenciais para o desenvolvimento do indivíduo. Entende-se o papel fundamental do profissional em educação ao desenvolver subsídios reflexivos acerca de um tema íntimo e com distintas realidades, reproduzido acerca do elo entre a família e o entorno escolar.

A relação direta entre a família e a escola é imprescindível no desenvolvimento da criança, no seu processo de aquisição do saber e no seu desenvolvimento social. A participação ativa da família na educação formal dos filhos reflete no seu processo de aquisição do saber e conseqüentemente no desenvolvimento e controle de suas emoções e impulsos.

Essas relações afetivas são elementos essenciais para a criança, no vínculo familiar ocorre toda aquisição inicial do saber e da concepção social e conseqüentemente a potencialização escolar. Contudo, a unidade escolar fomenta e aperfeiçoa a individualidade e o progresso dos suportes nutridos no âmbito familiar pelos alunos. A prática acadêmica reproduziu grandes desafios e atribuições em sala de aula. Trabalhar no indivíduo o seu sentimento afetivo, cognitivo e socioemocional refletem em uma conduta profissional acerca das posturas familiares e o sentimento de afetividade. Evidenciou-se a sensibilidade que este tema reproduziu no contexto social e familiar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; MAHONEY, Abigail Alvarenga (Orgs.). **Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.p.65

BASSEDAS, Eulália; HUGUET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999, p. 64.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF:MEC/CONSED/UNDIME/MPB, 2019, p. 14.

MARTINELLI, Selma de Cássia. **Dificuldades de aprendizagem no contexto Psicopedagogia**, Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PAROLIN, Isabel. **Professores formadores: a relação entre a família, a escola e a aprendizagem**. Curitiba: Positivo, 2003, p.99.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** Rio de Janeiro: Livraria José Olympo Editora/Unesco, 1973, p. 76.

PIAGET, Jean. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996-1997 .p.15.

RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005, p. 4.

SOUSA, Ana Paula de. **A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional**. Revista Iberoamericana de Educación. n.º 44/7, 2008, p. 2.

VESENTINI, José Willian. **O ensino da geografia no século XXI**. 3. ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2004, p. 23.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.p.64